

Linguística Indígena e Educação na América Latina

Lucy Seki (Org.)



UMA ABORDAGEM PRELIMINAR DA ETNOGRAFIA DA COMUNICAÇÃO NA COMUNIDADE TRUMAI PARQUE XINGU¹

Raquel Guirardello

Seguindo o roteiro já abordado no estudo dos grupos Mehinaku e Juruna, e tendo por orientação as mesmas bases teóricas adotadas (ver Medeiros, no artigo sobre o Mehinaku), este pequeno estudo aqui apresentado sobre a comunidade Trumai também se dividirá em três aspectos principais a serem enfocados: informações sobre a história do povo e de sua língua, a distribuição do bilingüismo na comunidade estudada, a reflexividade metalingüística dos falantes de Trumai.

1. Sobre a situação lingüística da Aldeia Trumai — algumas considerações históricas

O povo Trumai vive no Parque Indígena do Xingu. Segundo fontes históricas (Galvão, 1966), os Trumai teriam chegado à região do Xingu há cerca de 150 anos, vindos da Serra do Roncador e do Rio das Mortes. Tiveram diversos problemas no processo de sua assimilação pelos outros povos da região, tendo enfrentado inúmeras guerras, o que provocou um grande decréscimo da sua população. Mudaram a localização de suas aldeias diversas vezes, chegando inclusive a viver com outros povos, como os Aweti, Mehinaku, Nahukwa e Kamayurá.

Além das guerras, outro fator de grande depopulação foram as epidemias de gripe e sarampo. Atacados por essas doenças, os Trumai quase foram à extinção. Em 1952 chegaram a ter uma população de apenas 18 pessoas.

O grupo foi se recompondo através de casamentos com pessoas de outras tribos e crescimento vegetativo. Tais casamentos foram provocando uma grande mescla com outros grupos indígenas, que hoje

em dia resulta na atual configuração da comunidade Trumai; na Aldeia Terra Preta, onde se deu esta pesquisa, não há atualmente um único casal formado só por pessoas Trumai.

Essa mescla, no entanto, parece vir ocorrendo há um bom tempo: segundo Quain (Quain & Murphy, 1955), antropólogo americano que viveu entre os Trumai em 1938, já naquela época havia casais formados por homem Trumai e mulher estrangeira (isto é, de outro grupo indígena), porque índios de outras tribos tomavam muitas mulheres do povo Trumai para esposas e alguns homens da aldeia, para poder constituir família, acabavam casando com mulheres de outros grupos, em especial, com as Kamayurá.

Segundo os relatos de Quain, havia na Aldeia Trumai pessoas que sabiam o Kamayurá² e isto, na sua opinião, provocaria influências sobre a cultura e a língua que poderiam paulatinamente desaparecer.

O Trumai atual, de fato, apresenta em seu léxico palavras de provável origem Kamayurá. No entanto, ao contrário do que imaginou Quain, a língua não se perdeu e continua sendo reproduzida, não obstante as interferências em questão (tal fato suscita questões: Como as línguas indígenas se reproduzem? Como, apesar de certas situações desfavoráveis, elas permanecem vivas?).

Os Trumai viveram também nas proximidades do Posto Indígena Leonardo, chegando neste local provavelmente no final dos anos 60 e lá permanecendo até meados da década de 70, quando então mudaram para a Aldeia Pato Magro, localizada no Rio Xingu. Esta deu origem a duas outras aldeias (Terra Preta e Boa Esperança), e recentemente foi formada uma terceira Aldeia Trumai (Steinen).

A atual população do grupo conta com aproximadamente 109 pessoas,³ distribuídas da seguinte maneira:

- . Aldeia Terra Preta, localizada no rio Xingu, nela vivem 37 pessoas;
- . Aldeia Boa Esperança, também no rio Xingu, onde vivem 23 pessoas;
- . Aldeia Steinen, localizada às margens do rio de mesmo nome, nela moram 28 pessoas;
- . Posto Indígena Pavuru, onde moram 21 pessoas contadas como Trumai.

Porém, destas 109 pessoas, nem todas são realmente Trumai. Alguns são indivíduos de outras tribos xinguanas, mas por se casarem e constituírem família com pessoas da comunidade, são contados também como Trumai. No entanto, quando se entra de fato na questão de origem étnica, estes indivíduos são identificados como membros de outras tribos.

2. Quadro lingüístico da aldeia — distribuição do monolingüismo e do bilingüismo na Comunidade Trumai

Esta pequena investigação de caráter etnolingüístico se baseia fundamentalmente nas situações observadas na Aldeia Terra Preta, onde foram realizadas análises e entrevistas com alguns de seus moradores.

Dos moradores desta aldeia, 30 têm sangue Trumai (isto é, pelo menos um dos pais é Trumai), 5 são Aweti e 2 são Kamayurá. Das 30 pessoas que são Trumai, somente 4 têm ambos os pais originários deste povo. Porém, dentre estas, nem todas têm o status de Trumai “puro”, porque um de seus avós não é Trumai; em tais casos, a pessoa já passa a ser considerada “mestiça”.

Dos indivíduos com sangue Trumai, 18 têm mãe falante nativa de outra língua xinguana (por serem originárias de outras tribos), restando apenas 12 cuja mãe é falante nativa de Trumai.

Esse panorama nos leva a dois pontos importantes:

1- a questão étnica para o povo Trumai não é muito simples, dado que há grande miscigenação com outros povos do Xingu;

2- o quadro lingüístico da aldeia é complexo. O saber lingüístico não é o mesmo para todos, variando de indivíduo para indivíduo, conforme a constituição de sua família e de acordo com as experiências comunicativas vividas no seu dia-a-dia.

Há uma única pessoa na aldeia que poderia ser considerada monolingüe:⁴ é uma mulher de meia-idade, cujos pais são ambos Trumai. Essa mulher fala o Trumai, tem um certo conhecimento do idioma do marido e sabe muito pouco o Português. Ou seja, ela praticamente só se comunica em Trumai, sendo esta a única língua que realmente domina.

Quanto aos outros moradores da aldeia, excetuando quatro crianças que estão na fase de aquisição da linguagem, todos são falantes de mais de uma língua. Duas pessoas, ambas idosas, falam somente línguas indígenas, não sabendo quase nada de Português. Uma mulher de meia-idade fala duas línguas indígenas e um pouco de Português. Os demais (29 pessoas) são falantes de uma ou mais língua(s) indígena(s) e de Português, variando o grau de proficiência neste último idioma.

Em geral, são os mais jovens que conhecem melhor o Português, falando-o com uma pronúncia e com regras gramaticais mais próximas de um falante nativo deste idioma. Alguns mais velhos falam Português com influência da fonologia e da gramática de sua língua; por

exemplo, não usam as plosivas sonoras, falanto [puriti] no lugar de [buriti]; intercalam vogais em encontros consonantais que não ocorrem no Trumai: [parato] “prato”, [karafato] “gravador”, omitem o artigo e algumas preposições; enfatizam aspecto (por exemplo, o continuativo “ainda”) onde não o fazemos. Além disso têm dificuldade em traduzir termos do Trumai para o Português, ou de expressar certas idéias nesta língua. Isto significa que não só o saber lingüístico da aldeia está estratificado, mas também o domínio da língua portuguesa.

Uma possível fonte para o aprendizado dessa língua pelos Trumai pode ter sido, talvez, o fato de eles terem vivido no Posto Indígena Leonardo. O posto é o local por excelência onde este idioma é usado, tanto para contato com os brancos como para dialogar com índios de outros grupos, funcionando neste caso como língua franca. Segundo o relato de uma jovem Trumai, foi com as famílias de funcionários indígenas do posto que ela aprendeu o Português, pois as crianças dessas famílias sabiam falar a língua dos brancos. Diz um dos rapazes da aldeia que ele aprendeu Português porque “escutava caraíba⁵ falar no posto”.

Ou seja, os postos constituem uma das grandes vias de entrada dos Português na comunidade, através inclusive de seus funcionários indígenas, que acabam por levar o Português para dentro de seus lares, o que é facilitado pelo fato de os casais Trumai serem formados por pessoas de tribos diferentes; o Português, muitas vezes, acaba funcionando como a língua de contato entre os cônjuges (como foi o caso de um casal Trumai-Aweti, que usou o Português até que a mulher aprendesse o Trumai). Nessa situação, os filhos ficam expostos ao Português e acabam aprendendo-o.

As viagens provavelmente contribuem também para o aprendizado desta língua, pois observa-se que seus melhores falantes, entre os adultos, são aqueles que mais viajaram para fora do Parque do Xingu. Segundo alguns Trumai, as pessoas da aldeia que melhor falam a “língua dos caraíbas” são justamente o chefe, que viaja bastante para tratar de assuntos da aldeia, e seu irmão, que já passou longos períodos na cidade. Ou seja, são aqueles que tiveram maiores experiências comunicativas com os brancos.

Isso tudo, no entanto, são apenas hipóteses de como o Português teria começado a ser usado pelos Trumai. Atualmente, ele se difunde através dos meios de comunicação, em especial o rádio, e através da convivência das crianças pequenas com os irmãos mais velhos, que em suas brincadeiras e atividades conversam em Português com uma fre-

qüência considerável, sendo que o contato com os irmãos é tão intenso quanto o convívio com os pais. Os irmãos mais velhos são, provavelmente, a fonte mais forte de aprendizado deste idioma para os pequenos. Isso pode ser observado em situações como a hora do banho, quando crianças entre 3 e 4 anos de idade respondem, com palavras e expressões em Português, aos irmãos que lhes falam nesta língua.

Das línguas indígenas faladas na aldeia, é o Trumai que acaba preponderando; mesmo algumas pessoas que são de outras tribos falam-no, tendo aprendido pela convivência com o cônjuge e demais parentes da comunidade. Além disso, nas situações em que língua indígena é empregada, o Trumai é preferencialmente usado por ser a língua do povo: uma vez que se está na aldeia dos Trumai, é este o idioma que deve ser falado. A exceção ocorre quando um dos interlocutores não o domina o suficiente para participar do diálogo. Nesse caso, é usada uma língua que seja mais acessível para ele. Por exemplo, um Trumai fala em Kamayurá com uma pessoa Aweti que não entenda a língua Trumai;⁶ esta pessoa, por sua vez, usa o Aweti nas suas respostas. Às vezes é usado também o Português, caso não haja outra língua mais acessível e os interlocutores o dominem.

Observa-se, pois, que há na Aldeia Terra Preta uma coexistência de línguas indígenas, mas esta não parece ser problemática, pelo menos na *representação metalingüística dos falantes*: as pessoas não consideram mau o fato de um indivíduo saber mais de uma língua indígena. Pelo contrário, isto é considerado positivo e até mesmo necessário para pessoas que ocupam determinadas funções: as pessoas mais políglotas da aldeia são justamente o chefe e o pagé (que também já foi chefe). É, pois, considerado bom conhecer mais de uma língua. Diz um Trumai que foi entrevistado durante a pesquisa:

É bom saber todas as línguas. Eu preciso. Se eu for em outra aldeia e não entender, fica chato. Então eu preciso; é bom saber todas as línguas.

Entretanto, a coexistência de línguas começa a ter certa conotação conflitiva quando se considera o Português. Na representação de alguns indivíduos da aldeia, o Português já é tido como uma espécie de ameaça ao Trumai, que estaria deixando de ser falado por causa desta língua não-indígena. Alguns comentários de pessoas entrevistadas:

Hoje em diante, né, esses meninos aí quase não fala a minha língua; então pra eles eu tenho que falar em Português, porque eles

estão acostumados a falar em Português. Eles não entende a minha língua mais.

Aqui mesmo, nessa aldeia, todo mundo fala em *branco*... Seria útil para "aprender" esses meninos aqui em Trumai, porque eles não sabe falar Trumai.

Aqui eles fala mais Português, né? E não fala mais nossa língua, não.

Para outras pessoas, no entanto, saber Português não constitui um problema, mas é apenas saber falar mais uma língua. Os mais jovens têm essa atitude favorável em relação à língua do branco; diz um rapaz, ao ser indagado sobre o porquê de aprender o Português: "Porque nós 'gostamo' de falar a língua de vocês."

São as pessoas que exercem algum poder na comunidade que manifestam preocupação com relação à língua portuguesa, variando a avaliação que fazem da sua influência. Uns dizem ter medo de a língua Trumai se perder; outros acham que isso não acontecerá:

Muito difícil de virar *outra língua* porque nossa língua é nossa língua mesmo. Nunca vai deixar de falar.

Constata-se, pois, que as opiniões, as reflexões e representações que os falantes fazem da sua realidade lingüística são variadas. Em termos concretos, é ainda difícil saber com precisão a porcentagem de uso do Português. Observa-se que ele é mais usado preferencialmente em determinadas situações, como no jogo de futebol; visitas de pessoas de outros grupos à aldeia; quando se ouve rádio, e parece ser mais falado por um determinado grupo: os meninos e os rapazes.⁷ Os adultos usam bastante o Trumai ou outra língua indígena. Entre os jovens, nota-se que as moças empregam mais o Trumai que o Português, às vezes intercalam expressões do Português na sua fala, mas o que predomina é o Trumai. Já os rapazes e meninos, que realizam suas atividades quase sempre juntos, falam o Português com uma frequência grande. Às vezes usam expressões em Trumai, mas o que parece predominar nas conversas entre eles é o Português. No entanto, alguns desses mesmos rapazes empregam o Trumai quando estão em um local onde todos estejam falando tal língua. Quanto às crianças menores, observa-se que estas acabam usando o Português durante o convívio com os irmãos mais velhos.

3. A questão da identidade étnica do grupo relacionada com a reflexividade metalingüística

Por tudo que já foi exposto até o momento, observa-se que na Aldeia Terra Preta várias línguas estão coexistindo.⁸

Como já se disse anteriormente, das línguas indígenas faladas na aldeia, é o Trumai que se sobressai. Cada um dos entrevistados na pesquisa afirmou que é essa a língua que costuma usar mais. Poderia dizer-se, então, que pelo menos na reflexão metalingüística e na representação dos falantes, o Trumai é o idioma que mais se fala na comunidade.

Mas percebe-se aqui uma certa contradição: ora todos afirmam usar mais o Trumai, levando-nos então à idéia de que esta é a língua mais falada na aldeia (a ponto até de um dos entrevistados afirmar que é o único idioma falado ali, não admitindo o fato de que na Aldeia Trumai se fala também em Aweti ou Kamayurá); ora dizem que ninguém mais fala o Trumai por causa da influência do Português (“Aqui mesmo, nessa aldeia, todo mundo fala em *branco*”), ou então que os mais jovens, que são mais numerosos que os adultos, não falam direito a língua tribal.

Esse julgamento parte principalmente dos mais velhos e das pessoas que têm algum poder na comunidade. Na opinião deles, a língua Trumai atual já não é a mesma do tempo dos antigos; consideram que o modo de falar dos antigos era diferente, porque era mais “profundo”:

Hoje em dia a gente fala diferente. Não fala a mesma coisa. Antigamente os Trumai falava mais profundo.

Já os indivíduos jovens não compartilham do mesmo ponto de vista; em oposição aos mais velhos, acham que não há diferença entre o Trumai falado por seus antepassados e o atual.

Deixando-se de lado as divergências de opinião, é interessante notar que os Trumai de antigamente, aqueles do tempo em que não havia problemas de população escassa, casavam-se apenas com pessoas do grupo. Além disso, quase não tinham contato com brancos. E, embora ninguém fale claramente de “pureza de língua” ou “língua mais pura”, fala-se de “língua mais profunda” ou que determinada pessoa é “Trumai puro” (é o caso da mulher monolíngüe).

Isso parece indicar que existe uma certa idéia de que a língua pode estar mudando depois de sucessivos contatos com outros grupos ou com os brancos, e mesmo que a mescla com pessoas de outras tribos pode estar trazendo algumas influências sobre a língua Trumai. Houve já quem considerasse e comentasse que algumas crianças não sabem fa-

lar direito o Trumai porque são “mestiças”, isto é, um dos pais não é Trumai. Isso sugere, então, uma noção de que a “pureza” de origem garantiria uma “pureza” de língua.

Mas toda essa argumentação não é sustentada por muito tempo, pois ao se indagar sobre as origens de cada indivíduo, acaba-se verificando que não há quase mais nenhum Trumai puro, o que levaria então à conclusão equivocada de que ninguém mais sabe falar bem. Novamente, então, se percebe uma contradição existente na representação de alguns falantes.

Seja como for, alguns juízos de valores não coadunam com a realidade no que se refere aos conhecimentos lingüísticos dos “mais puros” *versus* “mestiços”, pois indivíduos dos dois tipos sabem e usam a língua. Aliás, é interessante notar que algumas pessoas, cuja mãe *não é falante nativa de Trumai*, falam mais este idioma do que a língua materna, ou às vezes nem mesmo a falam, embora consigam entendê-la. Tal fato tem certa similaridade com situações encontradas em outros lugares do mundo por estudiosos de bilingüismo, que observam que uma criança, cuja mãe é estrangeira, nem sempre sabe falar a língua desta, apesar de compreendê-la (é um bilingüismo “passivo”⁹), dominando melhor o idioma do meio social em que vive. Isso se dá com alguns indivíduos Trumai, até mesmo porque a mãe tende a aprender e a usar também a língua do marido Trumai.

Além disso tudo, há o fato de que o velho pajé, apesar de ser “mestiço” (um de seus pais é Kamayurá), ainda assim é tido por todos os entrevistados como o melhor falante de Trumai da aldeia, pois sabe termos antigos e tem muito conhecimento sobre a língua e sobre a história desta.

Todas essas variações presentes nas representações metalingüísticas dos falantes devem estar se dando por dois grandes motivos: de uma parte, pela concepção que os mais velhos têm do que seja proficiência lingüística: saber bem uma língua, para eles, talvez seja mais do que ter um certo conhecimento sobre ela; deve ser também o domínio de diferentes registros, saber arcaísmos, conhecer expressões complexas, ter conhecimento profundo da língua. Os jovens não estariam demonstrando tal desenvoltura na língua Trumai e por isso não estariam sendo considerados bons falantes (um dos entrevistados disse que os rapazes e crianças não estão sabendo usar certas expressões complexas, empregando no lugar construções simplificadas). De outra parte, pode ser que tais avaliações feitas pelos mais velhos se dêem devido à presença do Português na aldeia e a influência que ele estaria trazendo. Aqui entra-se novamente na questão da identificação étnica do grupo.

A identidade étnica para os Trumai é um tanto quanto complexa, sendo por isso que ela não é tão facilmente definida por eles. Pode-se dizer que o fato de quase todos já serem “mestiçados” causa um certo incômodo em alguns Trumai, mas eles acabam por dizer que, apesar das misturas com outros povos, eles se consideram Trumai e assim se sentem (e isso, na verdade, é o que realmente importa). Como diz um deles, a mistura

tira um pouco a raça... mas a única coisa que a gente tem medo é de perder a língua.

É a língua, pois, que acaba sendo o elemento mais identificador do grupo, uma vez que os costumes e tradições já são bastante comuns, especialmente no Alto Xingu, onde os Trumai já viveram. A identidade étnica acaba se estendendo para além dos limites da aldeia: ora faz diferença ser Trumai (“Nós é outro. É diferente.”); ora importa apenas ser xinguano, havendo diferença quanto à língua.

Eles, *índios de outras tribos*, são iguais, assim que eu digo, porque eles são igual, mesmo sangue nosso, né? Agora, a língua deles já é diferente.

E, dado que há a proximidade sangüínea e uma identificação étnica quase comum, acaba não sendo problemático para os Trumai saber falar outras línguas xinguanas. Ao contrário, há até uma certa legitimidade, justamente por se ter parentesco com pessoas de outras tribos. Diz um Trumai:

Eu me interessei em aprender Kamayurá... Meu avô é Kamayurá, eu acho que eu tenho direito de falar Kamayurá. Se tem um Trumai meu avô, eu tenho direito a falar Trumai.

A situação altera-se quando se entra no terreno do emprego da língua portuguesa. Para os mais velhos, o uso freqüente do Português não é visto como algo muito natural; não há razões étnicas para o seu uso: ninguém na aldeia tem sangue de branco, portanto a presença de sua língua não se justifica.

Pode-se pensar, então, que no sistema de valores de alguns falantes, há uma certa hierarquia para as línguas que são faladas por eles: o Trumai, sendo o idioma do povo, é considerado o mais importante e o que deve ser preferencialmente usado. Algumas línguas xinguanas podem também ser faladas porque são autorizadas, dado que há parentesco sangüíneo com pessoas de outras tribos. O Português

não deveria sequer ser empregado no meio tribal, já que não há parentesco com pessoas brancas; portanto, ele não tem motivo para ser usado.

Esse fato é que causa certa preocupação entre os mais velhos. Reconhece-se que há necessidade de saber falar Português para o contato com o branco, mas o que incomoda os Trumai adultos é que os jovens e crianças estão usando o Português nas atividades diárias, como se fosse qualquer outra língua xinguana, sendo que ele não é: é a língua *do branco*, de uma cultura muito diferente da do Xingu. Por isso é até compreensível que os mais velhos se sintam incomodados com os avanços do Português. Há medo de que a *língua deles* perca lugar para a *do branco*. Alguns julgam que o Português está aos poucos provocando mudanças no Trumai;¹⁰ outros acham que os jovens nem usam mais a língua tribal, se bem que tal julgamento não corresponde aos fatos reais.

Quanto aos jovens, estes não parecem incomodados com o fato de o Português ser pertencente a outra cultura. Eles não só têm uma melhor aceitação da língua do branco, como manifestam uma certa “admiração” por elementos da sua sociedade (como a televisão ou mesmo o poder do dinheiro). Não se pode dizer que os jovens Trumai estejam conscientemente optando por falar bastante o Português porque querem ter acesso a coisas do mundo do branco, mas por outro lado percebe-se que saber esta língua *pode* trazer algumas vantagens para o indivíduo. Os funcionários do posto (que gozam de um certo prestígio e que recebem um salário) são falantes de Português. Esses fatos, de alguma forma, são um estímulo para que os mais jovens aprendam a língua dos brancos. Essas são apenas especulações sobre os motivos que levam alguns índios a falar o Português, mas de qualquer forma notam-se algumas diferenças de comportamento lingüístico entre aqueles que manifestam desejo de um dia ir conhecer a cidade e aqueles que não gostam de sair do Xingu e que acreditam que nunca irão virar brancos: um dos entrevistados, que considera que nunca deixará de ser índio, fala bastante a língua Trumai; um dos jovens que demonstra ter vontade de um dia ir estudar na cidade fala muito o Português e menos vezes o Trumai, a ponto de seu pai ficar irritado de não ver o filho falar sua língua.

A situação é sentida pelos mais velhos como ainda mais “perigosa” quando se compara o quadro lingüístico da Aldeia Trumai com as de outros grupos do Xingu, que pouco conhecem do Português. Diz um Trumai que foi entrevistado.

As crianças de hoje não fala mais, não. Tá esquecendo. Eles fala mais direto Português. Tudo, tudo, tudo. Agora, os Kamayurá

fala um pouco ainda Kamayurá. Todo mundo fala: Kalapalo, Kukurú, esses índios Suyá, os Kayabi.

Caso realmente o Português venha a substituir o Trumai, isto será para eles um fato extremamente negativo, pois a própria identidade do povo poderá se perder, dado que a língua é um dos fatores fortes de identidade étnica no meio xinguano. E esse medo e a angústia de se perder a própria língua ficam bem retratados na fala de um índio Trumai:

Muitas pessoas dos nossos vai lá, quer falar com essas pessoas que já perdeu a língua, né? Nós gozamos os outros índios: “óí, coitado, que índio é esse aí?”, né? Então é uma vergonha prá nós. Então, esse aí, a gente não pode esquecer nossa língua. Se, por exemplo, a gente esquecer nossa língua, todo mundo vai falar: “Pô, você o que que é? Você é branco? Você é Kamayurá?”

A situação do povo Trumai, portanto, não é realmente muito tranqüila. Há quem julgue que se deva isolar os Trumai do convívio com outras tribos e com os brancos, para não mais haver contato com o Português. Mas aqui novamente a representação da realidade não coaduna com a própria realidade: o Português, de alguma forma, já está inserido na comunidade, sendo reproduzido pelas crianças pequenas que aprendem com os irmãos maiores. Portanto, não é isolando o povo que a questão se resolve. Talvez se o grupo fortalecer mais os seus valores e retomar algumas de suas tradições (que andaram um tanto quanto de lado, eles próprios admitem), a situação tome um outro contorno, ou pelo menos não seja vista por eles como tão problemática, pois não se pode dizer ainda até que ponto o Português é uma ameaça real para o Trumai. É certo que os rapazes falam o Português (afinal, eles têm uma atitude positiva com relação a esta língua), mas não deixaram ainda o Trumai de lado, como julgam os mais velhos. No presente momento, talvez a situação seja perigosa mais no nível de representação dos falantes do que no nível dos fatos. Futuramente, sim, é que ela pode vir a ser realmente problemática; se, por exemplo, os jovens de agora, depois de adultos, optarem por falar com os filhos somente em Português. Nesse sentido, é bom que as lideranças já tenham percepção disso e tentem reverter ou alterar o quadro atual. Quanto às considerações e hipóteses aqui apresentadas, constituem apenas uma abordagem preliminar da situação lingüística do povo Trumai, abordagem esta que, com novas informações, poderá ser aprofundada.

NOTAS

- ¹ Trabalho apresentado no Simpósio “Índios e não-índios — uma interação desigual no limiar do século XXI”, em 29/8/91. Agradeço à profa. Lucy Seki e ao Dr. Denny Moore pela leitura e sugestões feitas.
- ² Comenta Quain, em um trecho de uma carta escrita em 21/12/1938: “Half the people in the village can carry on a conversation in Kamayurá with ease. One household (there are four) uses Kamayurá in preference to Trumai.” (Quain & Murphy, 1955, p. 103).
- ³ Cálculo feito com base nas informações fornecidas por moradores da Aldeia Terra Preta.
- ⁴ A determinação do grau de proficiência nas diferentes línguas, na verdade, foi feita de modo impressionístico, com base nas observações realizadas e nas informações fornecidas pelos próprios Trumai.
- ⁵ *Caraíba* é o termo comumente usado pelos moradores do Xingu para designar os não-índios.
- ⁶ O Kamayurá e o Aweti são línguas do tronco Tupi; o Trumai é considerado língua isolada, isto é, não revela parentesco genético com nenhuma outra língua.
- ⁷ Considera-se *menino* o indivíduo com até 11 anos de idade e *rapaz* o que se situa na faixa entre 11 e 17 anos (não há atualmente na Aldeia Terra Preta rapazes com mais de 17 anos e os adultos existentes já contam com mais de 25 anos).
- ⁸ Na verdade, nas demais Aldeias Trumai também se observa esta mesma situação.
- ⁹ “O resultado disso é, às vezes, um bilingüismo dito *passivo*, na medida em que a criança compreende tudo em uma língua sem que, nesta, ela queira ou possa(?) se expressar.” (Vermes & Bou-tet, 1989, p. 184).
- ¹⁰ Realmente, há situações em que se nota uma provável influência do Português. Por exemplo, a jovem, filha de Trumai com Aweti, que ao invés de chamar sua mãe pelo termo Trumai *atsiwe* (“mãe” — vocativo), fala *mamã*.

BIBLIOGRAFIA

- GALVÃO, E. & SIMÕES, M. “Mudança e sobrevivência no Alto Xingu, Brasil Central”, in *Revista de Antropologia*, vol. 14, São Paulo, 1966, pp. 37-52.
- GUMPERZ, J. & HYMES, D. (eds.). *The Ethnography of communication*, Nova Iorque, Holt, Rinehart & Wiston, 1964.
- MONOD-BECQUELIN, A. “Multilinguisme des indiens Trumai du Haut-Xingu (Brésil Central)”, in *Language*, 5(18): 78-94, 1970.
- QUAIN, B. & MURPHY, R. F. *The Trumai indians of Central Brazil*, Seattle e Londres, University of Washington Press, 1955.
- SHERZER, J. *Kuna ways of speaking — an ethnographic perspective*, Austin, University of Texas Press, 1983.
- VERMES, G. & BOUTET, J. (orgs.) *Multilingüismo*. Tradução de Celeno M. Cruz *et al.*, Campinas, Editora da Unicamp, 1989.